



**UNISUL**

**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA**

**LARISSA SANTOS SPECK**

**GUERREIRAS DE OXUM**

Orientadora: Daniela Facchini Germann, Ms.

Palhoça  
2019

**LARISSA SANTOS SPECK**

**GUERREIRAS DE OXUM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de jornalista.

Orientadora: Daniela Facchini Germann, Ms.

Palhoça  
2019

**LARISSA SANTOS SPECK**

**GUERREIRAS DE OXUM**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de jornalista e aprovado em sua forma final pelo Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Palhoça, 03 de dezembro de 2019.

---

Professora e orientadora Daniela Facchini Germann, Ms.

Universidade do Sul de Santa Catarina

---

Prof. Vanessa Pedro, Dr.

Universidade do Sul de Santa Catarina

---

Prof. Roberto Svolenski, Ms.

Universidade do Sul de Santa Catarina

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais por todo o amor, suporte e carinho que me ofereceram nesses quatro anos de curso e nessa trajetória final do trabalho de conclusão de curso. Além do investimento e o esforço para me dar uma boa formação superior, sempre respeitando as minhas escolhas.

À minha orientadora, Daniela, que apoiou meu projeto do início ao fim, fazendo as ressalvas e alterações necessárias para um bom desenvolvimento técnico do material, e que pudesse ser construído dentro de uma narrativa que desse valor à narrativa das personagens.

A todos os meus amigos, que me deram incentivo, inspiração e força nesse processo, lembrando que com determinação e paciência conseguimos o resultado desejado.

Ao Jonas, que foi o principal responsável por dar literalmente vida e movimento ao meu documentário, gravando todas as cenas de movimento dos rituais em ambos os terreiros, além da edição. Também agradecer pelo apoio e paciência em todas essas etapas.

Às minhas entrevistadas, Bárbara, Eduarda, Rayssa e Lurdes que disponibilizaram um tempo de suas rotinas corridas para compartilharem todos os seus conhecimentos, experiências e histórias comigo e àqueles que irão assistir o meu documentário. Além de terem sido super atenciosas, tive a oportunidade de conhecer duas religiões incríveis, as quais devo muito respeito e carinho.

“Não deixe que ninguém lhe diga que a sua religião é errada; ou que ela não importa. O seu coração sabe que nada disso é verdade, e é isso o que importa. Os Orixás estão olhando por você e, junto aos seus ancestrais, estão te protegendo!”

(Ile Alaketu Ijoba Ase Aira)

## RESUMO

Guerreiras de Oxum é um documentário colaborativo com mulheres praticantes de duas religiões: a umbanda e o batuque, que tem o objetivo de quebrar paradigmas e preconceitos acerca das religiões de matriz africana. Além disso, pretende-se mostrar qual o papel ocupado por essas mulheres dentro de seus terreiros e casas de religião, evidenciando a particularidade e singularidade de cada personagem. Este documentário propõe trazer histórias pessoais de cada personagem dentro de sua respectiva religião, contando, assim, fatos marcantes e sua trajetória religiosa, de forma a destacar o valor da fé em suas vidas. Temas como intolerância religiosa e preconceito também são abordados. O principal objetivo desse projeto é desmistificar preconceitos e mostrar o empoderamento feminino dentro do contexto fé.

Palavras-chave: Audiovisual. Umbanda. Batuque. Religiões de matriz africana. Mulher. Narrativas do cotidiano.

## SUMÁRIO

<b><u>1</u></b>	<b><u>INTRODUÇÃO</u></b> .....	<b>6</b>
<b><u>2</u></b>	<b><u>OBJETIVOS</u></b> .....	<b>8</b>
<b><u>2.1</u></b>	<b><u>OBJETIVO GERAL</u></b> .....	<b>8</b>
<b><u>2.2</u></b>	<b><u>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</u></b> .....	<b>8</b>
<b><u>3</u></b>	<b><u>JUSTIFICATIVA</u></b> .....	<b>9</b>
<b><u>4</u></b>	<b><u>METODOLOGIA</u></b> .....	<b>11</b>
<b><u>5</u></b>	<b><u>REFERENCIAL TEÓRICO</u></b> .....	<b>12</b>
<b><u>5.1</u></b>	<b><u>INTOLERÂNCIA RELIGIOSA</u></b> .....	<b>12</b>
<b><u>5.2</u></b>	<b><u>O ESPAÇO FEMININO NAS SOCIEDADES AFRICANAS E NO BRASIL COLÔNIA</u></b> .....	<b>13</b>
<b><u>5.3</u></b>	<b><u>ANCESTRALIDADE</u></b> .....	<b>15</b>
<b><u>5.4</u></b>	<b><u>A COLONIZAÇÃO E O PAPEL DA MULHER NOS TERREIROS</u></b> .....	<b>17</b>
<b><u>5.5</u></b>	<b><u>O QUE É A UMBANDA?</u></b> .....	<b>18</b>
<b><u>5.6</u></b>	<b><u>O BATUQUE</u></b> .....	<b>19</b>
<b><u>5.7</u></b>	<b><u>ORIXÁS FEMININAS E A POMBA GIRA</u></b> .....	<b>20</b>
<b><u>5.8</u></b>	<b><u>NARRATIVAS E DOCUMENTÁRIO</u></b> .....	<b>22</b>
<b><u>6</u></b>	<b><u>DESCRIÇÃO DO PROCESSO E PRODUTO E ESCOLHAS ESTÉTICAS</u></b> .....	<b>25</b>
<b><u>7</u></b>	<b><u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u></b> .....	<b>28</b>
<b><u>8</u></b>	<b><u>REFERÊNCIAS</u></b> .....	<b>29</b>
	<b>APÊNDICES</b> .....	<b>32</b>
	<b>APÊNDICE A – ROTEIRO</b> .....	<b>33</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A arte de curar. Esse é o significado da palavra Umbanda, originada da língua quimbunda da Angola. A Umbanda originou-se no Brasil e sintetiza elementos das religiões de matriz africana com as crenças cristãs. O seu sincretismo tem como base elementos do Candomblé, Espiritismo e o Catolicismo.

Originado da palavra “Batukajé”, a palavra “Batuque” é um termo bantu que faz referência ao bater dos tambores. Tendo suas raízes ligadas a regiões como Nigéria e Costa de Guiné, no Brasil, o batuque tem sua principal vertente no Estado do Rio Grande do Sul. A homenagem e culto aos orixás faz parte do ritual.

Apesar do Brasil ser um estado laico, ainda são vistos inúmeros casos de intolerância religiosa no país, com registro de ataques a diversos terreiros ao longo da história, além da condenação de muitos pais e mães de santo acusados de exercício ilegal da medicina. As práticas das religiões de matriz-africana eram e ainda são associadas, por alguns, à magia negra e charlatanismo. Contudo, apesar do preconceito e desrespeito, negros e mulheres encontram nesta prática um espaço de acolhimento e fortalecimento da fé.

Hoje é possível ver muitas mulheres liderando giras e rituais. Mães de santo conduzindo a prática e mulheres tocando atabaque são cenas comuns em muitos terreiros, o que faz das religiões afro-brasileiras um local mais igualitário se comparado à outras religiões cristãs, onde a mulher ocupa um papel secundário. Entretanto, apesar da igualdade de gênero predominante, em alguns terreiros ainda há certo preconceito ao se ver uma mulher exercendo o papel de Ogã, ou seja, tocando o atabaque. No início este era um instrumento sagrado e era tocado apenas por homens.

As orixás femininas são outro fator importante ao falar de empoderamento feminino dentro da Umbanda e do batuque. Muitas delas foram demonizadas por representar o livre espírito da mulher dentro da construção de uma sociedade patriarcal.

Ao contrário de Eva e Maria, principais figuras da representação no cristianismo, as deusas africanas – cultuadas no candomblé, no batuque e na umbanda – nem sempre são previsíveis, puras e obedientes. Tomam decisões tão múltiplas que não se permite definir um caráter específico para cada uma delas como, por exemplo, a personalidade servil e virginal de Maria ou ingrata como Eva. As divindades femininas africanas foram desenhadas de forma complexa e humana, pendendo sempre entre a heroína virtuosa e a vilã cheia de vícios, capazes de qualquer artimanha para satisfazer seus desejos – inclusive os desejos sexuais. (BAMPI, 2016).

Dessa forma, no Brasil Colônia, quando as mulheres escravas eram abusadas

sexualmente e exploradas fisicamente para trabalhos domésticos, elas encontraram nas religiões de matriz africana símbolo de força, resistência e empoderamento.

Já dentro da sociedade africana a mulher sempre ocupou espaço em diversas áreas, como na política, na administração pública e no comércio. Em algumas sociedades africanas, como a Iorubá, a ancestralidade é muito presente. Os Iorubá (grupo africano que habita a África Ocidental) consideram as mulheres como “mães”, não se restringindo ao sentido biológico, mas aos seus ensinamentos transmitidos de geração em geração. Também acredita-se que a mulher é dotada de poderes espirituais e divinos e que os utilizam para ajudar os filhos, maridos e à sociedade no geral.

A partir destas referências pretende-se abordar a temática Mulheres nas religiões de matriz africana, com foco na umbanda e no batuque, em uma produção audiovisual que traz relatos de praticantes desta religião. O intuito é dar enfoque às narrativas dessas mulheres, que vão desde relatos de como se iniciaram na religião até histórias pessoais e o papel que exercem dentro de seus terreiros.

Em um primeiro momento, foram feitas visitas aos terreiros TUCGS – Tenda de Umbanda Caboclo Guerreiro do Sol e Ilê Ojisé Ifé, como forma de conhecer a prática da religião de perto e pré-selecionar possíveis “personagens”. Também foi realizada entrevista com a integrante do Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas - NUER, Cristiane Severo.

Na produção audiovisual, de aproximadamente 13 minutos, o cenário gira em torno de mulheres que carregam o contexto histórico de sua fé e empoderamento, em momentos em que a intolerância religiosa ainda se faz muito presente. O presente trabalho também tem o intuito de desmistificar preconceitos acerca das religiões de matriz africana, com foco na umbanda e no batuque.

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 OBJETIVO GERAL

Sensibilizar para um olhar mais humano e desmistificar preconceitos a respeito da Umbanda e do Batuque e do papel que as mulheres ocupam nos terreiros, além de trazê-las como protagonistas na religião.

### 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Produzir um audiovisual, de aproximadamente 13 minutos, com relatos de mulheres que praticam a Umbanda e o Batuque;
- b) Registrar o papel e a influência da mulher nos terreiros de Umbanda e de Batuque;
- c) Mostrar a representatividade feminina nestes terreiros;
- d) Desmistificar preconceitos a respeito das religiões de matriz africana;

### 3 JUSTIFICATIVA

O papel da mulher nas religiões afro-brasileiras foi escolhido como tema por um interesse particular em entender qual o espaço feminino ocupado dentro de duas religiões de matriz africana. Partindo do ponto de que as religiões mais antigas e tradicionais, como o cristianismo e o catolicismo, são dominadas por homens, esse trabalho tem o intuito de sensibilizar sobre a importância da representatividade feminina presente nos terreiros de Umbanda e nas casas de Batuque.

A Umbanda e o Batuque ainda sofrem grande preconceito e intolerância religiosa por parte dos brasileiros. Devido aos seus traços africanos e mitos enraizados em uma sociedade predominantemente cristã, as religiões afro brasileiras, ainda hoje, são vistas como algo ruim ou utilizado para o mal. Por ter sua origem no período da colonização, a Umbanda, o Batuque e as demais religiões de matriz africana representam a luta travada pelos escravos contra o racismo e a discriminação de suas crenças.

Dados apresentados pelo Centro de Promoção da Liberdade Religiosa e Direitos Humanos (CEPLIR) mostram que 63% dos casos de intolerância religiosa atingem as religiões de matrizes africanas no Brasil, e que no Estado do Rio de Janeiro esse percentual vem subindo chegando a 93%. (CRIOLA, 2017, p. 1).

O Batuque e a Umbanda são produtos das mudanças sociais causadas pelo seu “embranquecimento”. Esse conceito se refere à adoção de elementos europeus nas práticas de matriz africana. Dessa forma, ambas surgem como religiões embranquecidas, na qual a maioria de seus frequentadores possuem pele clara. Porém, também há a presença de negros e de pessoas de todas as classes sociais, ou seja, não há restrições. “[...] as crenças e práticas afro-brasileiras se modificam tomando um novo significado dentro do conjunto da sociedade global brasileira. Nesta dialética entre social e cultural, observaremos que o social desempenha um papel determinante.” (ORTIZ, 1999, p. 15).

Analisando esses aspectos, considero de extrema importância a produção de materiais que estimulem um olhar mais humano para as religiões de matriz africana, de forma a entender como funciona a rotina nos terreiros, e assim, desmistificar preconceitos que estão enraizados na sociedade brasileira.

Ao moldarmos o olhar para a realidade, e não para aquilo que parece ou ouviu-se dizer, é possível entender como se dão as relações humanas. A medida em que aprendemos a entender o desconhecido, também aprendemos a respeitá-lo. Por meio deste audiovisual, focado em narrativas do cotidiano, pretende-se sensibilizar para este tema ainda muito desconhecido, além

de entender como as mulheres praticantes dessas religiões enxergam a sua importância dentro de sua própria fé. Ao reconhecer a importância da participação de determinado grupo dentro de um espaço específico, a representatividade se faz presente. “Partilhar a visão de mundo do outro, dela extrair a utopia humana e ampliar a competência técnica e científica na narrativa solidária não é uma miragem, é uma possibilidade.” (MEDINA, 2003, p. 80). A narrativa solidária torna possível adentrar o olhar para um mundo diferente do mundo pessoal, aquele que cada um vive dentro de si. Ao reforçar o empoderamento e voz, que já existe, mas muitas vezes, não tem espaço de fala, para um determinado grupo de mulheres de duas religiões, está se abrindo um espaço para que as mesmas possam compartilhar suas experiências e relatos pessoais, e assim se sentirem representadas. Essas mulheres já exercem papel fundamental nas sociedades africanas desde os tempos da colonização, principalmente na área do comércio. A mulher comprava a mercadoria do marido, revendia na feira e ficava com o lucro. Além disso, também havia a troca de bens simbólicos como notícias, moedas, receitas, danças, entre outros. Então, a mulher negra e praticante de religião de matriz africana tinha representatividade na sociedade, a medida em que seu trabalho não se restringia apenas a cuidar da casa ou do marido.

A cultura afro-brasileira foi sustentada, em grande parte, pela força feminina nos terreiros e irmandades, de onde se espalhou pela sociedade, passando a constituir alguns dos mais marcantes valores da cultura nacional. (AMARAL, 2007).

Hoje as mulheres representam maioria nos terreiros, tanto como praticantes de ambas as religiões, como mães de santo. Dessa forma, a ideia do audiovisual é trazer representatividade e voz para a mulher dentro de duas religiões que ainda são vítimas de preconceito e ignorância.

#### 4 METODOLOGIA

O trabalho proposto teve como metodologia dois tipos de pesquisa: bibliográfica e pesquisa de campo. Com a leitura de livros, artigos e materiais acadêmicos foi possível entender e conhecer a trajetória da Umbanda e do Batuque, religiões de matriz africana que carregam consigo grande peso histórico e cultural. A pesquisa bibliográfica também se mostrou de extrema importância para entender o papel da mulher praticante de religião afro-brasileira na sociedade ocidental. Assim, com a pesquisa bibliográfica obtém-se uma linha de raciocínio histórico que possibilita entender a relação entre a fé e a força que as mulheres escravas encontraram dentro desta prática.

Na pesquisa de campo foi possível colher relatos e experiências vividas pelas mulheres praticantes dessas religiões. Foram realizadas visitas a dois terreiros da Grande Florianópolis: Tenda de Umbanda Caboclo Guerreiro do Sol (TUCGS) e Ilê Ojise Ifé. Além disso, foram realizadas conversas com mulheres praticantes da religião e mães de santo, além de entrevista com a integrante do núcleo de estudos Afro-brasileiros, Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas (NUER) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Cristine Severo, que auxiliou o entendimento do processo histórico da religiosidade de matriz Africana no Brasil.

Com a pesquisa de campo consegue-se criar laços e enxergar a verdadeira face do personagem que integra o cotidiano. Segundo Medina (2003, p. 78), “a construção social dos sentidos acontece na rua, no cotidiano e na oratura cujas marcas de estilo revelam a poesia dos cantadores anônimos.”

A singularidade da fala de cada entrevistado diante da câmera, as diferentes visões de mundo que são expressas, seus silêncios, suas atitudes, enfim, sua performance, tudo contribui para evidenciar as peculiaridades de cada personagem. Eles deixam de “representar” uma categoria social para representarem a si mesmos. (D’ALMEIDA, 2006, p. 7).

O audiovisual tem a intenção de dar espaço de fala pra voz existente das personagens de forma a valorizar a tradição e cultura de matriz africana e o papel que as mulheres ocupam dentro de sua fé. No audiovisual, com cerca de 13 minutos, são apresentados relatos de mulheres praticantes da Umbanda e do Batuque, além de cenas do cotidiano dos espaços frequentados por elas. A intenção foi representar sua importância para essas religiões através da música, de mulheres tocando atabaque, instrumento tradicional das religiões africanas, e de alguns momentos da gira e dos cultos.

## 5 REFERENCIAL TEÓRICO

### 5.1 INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

A disseminação de mitos e falsos boatos acaba por gerar interpretações equivocadas e negativas acerca das religiões de matriz africana, o que as coloca em posição inferiorizada em relação ao campo religioso cristão. Desde 1984, o Brasil é considerado um Estado Laico, porém, ainda são vistos inúmeros casos de intolerância religiosa no país. Apesar da legislação prever as livres práticas de cultos religiosos e a liberdade de crença, já ocorreram e ainda ocorrem casos de negação de direitos. Desde 1999, os terreiros são alvo da Lei Municipal 003 de 1999, de Florianópolis, conhecida como “A Lei do Silêncio”, que em seu artigo 11º, obriga a todos os estabelecimentos ou instalações potencialmente “causadoras de poluição sonora” a requerer, na Fundação Municipal do Meio Ambiente (FLORAM), certidão de tratamento acústico ‘adequado’ ao seu funcionamento. Porém, de acordo com o Projeto “Territórios de Axé”, escrito pelo Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Étnicas (NUER) da UFSC, foi observado que na mesma Lei em seu artigo 8º, sinos de igrejas ou templos religiosos não precisam passar pelo mesmo trâmite, nem acatar as mesmas exigências, ou seja, fica evidente que há um tratamento desigual, inconstitucional, já que a liberdade de culto é um direito garantido na Constituição de 1988.

Enquanto muitos religiosos buscam reconhecimento oficial de seu terreiro pelo Estado como bem cultural, outros preferem manter o anonimato por medo de sofrer com a perseguição e o desrespeito.

Se, por um lado, a postura de resistência histórica tem levado o povo de santo a manter-se nesta situação de anonimato e, conseqüentemente, de invisibilidade, por outro lado, expor-se e tornar-se visível aos olhos da sociedade pode representar a discriminação perante atos de violência e intolerância praticados contra as religiões afro-brasileiras, fato corriqueiro, amplamente noticiado nos jornais e objeto inclusive de inquéritos civis, processos judiciais e outros dispositivos que denotam o quanto o assunto merece ser seriamente discutido na atualidade. (NUER, 2017, p. 16).

Ao longo da história das religiões de matriz africana, é possível identificar inúmeros casos de invasão e destruição de terreiros. Um desses casos é o do terreiro em Alagoas (Maceió), que ficou popularmente conhecido por Quebra de Xangô, em 02 de fevereiro de 1912.

O Quebra de Xangô aconteceu nas vésperas do Carnaval quando uma massa de populares, liderada por veteranos de guerra e políticos, invadiu, depredou e queimou os principais terreiros de Xangô em Maceió, espancando líderes e pais de santo dos

cultos afros. Esse fato é considerado um dos mais emblemáticos casos de racismo e intolerância religiosa do Brasil. As pesquisas mostram que o movimento foi organizado por integrantes da Liga dos Republicanos Combatentes em Maceió, sob a liderança do sargento do Exército Manoel da Paz, veterano da guerra de Canudos, na Bahia. (CRIOLA, 2017, p. 5).

Ainda de acordo com CRIOLA (2017), muitos pais e mães de santo foram condenados pela prática ilegal da medicina ou por estarem explorando a credibilidade pública. As práticas de cuidados das religiões afro-brasileiras foram associadas à magia, ao charlatanismo e ao curandeirismo, que na época eram considerados crimes contra a Saúde Pública.

Casos como o ocorrido em Maceió ainda se repetem com frequência. Em abril de 2019, um terreiro de candomblé foi invadido na Bahia por homens armados e o pai de santo foi agredido no rosto. O pai de santo conhecido como “Babalorixá”, denunciou o ocorrido por intolerância religiosa. “Nesse momento, lembramos do quanto a nossa religião foi duramente perseguida. É impossível não lembrar do nosso ancestral, nosso avô Pai Procópio de Ogunjá que tanto foi perseguido como alvo de violência. E, apesar de toda perseguição se manteve firme na fé e seguindo na religião. Hoje somos alvo da violência que assola toda a nossa sociedade, acrescida da violência religiosa”. Esse foi um trecho do texto postado por ele em sua conta pessoal na rede social *Instagram*.

Por conta dessas situações que acontecem em todo o país foi criado, pela Secretaria Nacional de Direitos Humanos da Presidência da República, o Comitê Nacional de Respeito à Diversidade Religiosa que tem como objetivo promover o direito ao livre exercício das diversas práticas religiosas, disseminando uma cultura da paz, da justiça e do respeito às diferentes crenças e convicções.

## 5.2 O ESPAÇO FEMININO NAS SOCIEDADES AFRICANAS E NO BRASIL COLÔNIA

Se na sociedade ocidental a esfera feminina se restringia apenas ao trabalho doméstico e a criação de filhos, na tradição africana a mulher ocupava um espaço com a divisão de trabalho. Em uma sociedade onde os grupos familiares eram caracterizados pela poligamia, a disposição das mulheres (e seus filhos) em casas ao entorno da casa do esposo (que morava com a favorita), proporcionava independência no gerenciamento de sua casa e da vida de seus filhos.

Dentro da história do povo Iorubá, que representa uma das maiores etnias do continente africano em termos populacionais, e com maioria residindo na Nigéria, muitas mulheres lucravam com a produção do marido, revendendo a sua produção na feira e ficando com o

restante do lucro, muitas vezes sendo mais ricas do que o próprio marido.

Desta forma, o espaço privilegiado da sociabilidade africana, era de domínio feminino. O mercado, lugar de negócios, também era lugar para troca de bens materiais e simbólicos (músicas, orações, danças, receitas para curar o corpo, receitas para aconchegar os corações). (AMARAL, 1998).

Na organização do reino Iorubá, as mulheres também ocupavam espaço na política e na administração pública, atuavam na administração do palácio real e nos postos de comando importantes, além da fiscalização do próprio Estado. Nas sociedades femininas Ialodê e Gueledé, que integram a sociedade Iorubá, havia a responsabilidade para com a representação feminina em dimensões políticas e simbólicas. Os integrantes de Ialodê representavam os interesses dos comerciantes, enquanto Gueledé se encarregava dos rituais de fecundidade e fertilidade. As mulheres Iorubás participavam dos conselhos dos ministros, tinham organização própria e lideravam um intenso comércio que incluía rotas internacionais. Dessa forma, elas tinham grande representatividade e voz ativa, tanto nos espaços públicos quanto privados.

Já no Brasil Colônia, o abuso sexual das escravas negras foi um elemento generalizado. A mulher escrava era forçada a satisfazer as necessidades sexuais de seu patrão. Segundo Caio Prado Junior (1957, p. 351, 345-6), toda a vida social colonial se fundou na regulamentação de dois instintos primários do homem: o econômico, através do trabalho, e o sexual, através das relações de família. Por serem mão de obra escrava, a forma com que as escravas negras eram abusadas sexualmente interferiu de forma direta na constituição da família e das relações coloniais.

Segundo Mary Del Priore (2000, p. 18) veio ao Brasil um número muito maior de homens do que de mulheres africanas. Isso porque o trabalho feminino era considerado menos produtivo, além de o tempo de vida estimado a ela ser menor. Entretanto, de acordo com Darcy Ribeiro (2006, p. 148), chegaram ao país mais mulheres do que as estatísticas do Porto registram. Eram mulheres negras roubadas que alcançavam altos custos e que além de abusadas sexualmente, eram exploradas fisicamente para realizar as atividades domésticas tanto do lar, quanto nas senzalas.

Entre os séculos XIX e XX, a mulher teve como um dos seus principais pontos de resistência a maternidade. Se de uma forma isso restringia a mulher ao espaço privado, de outra, as unia aos filhos para resistir à dor, sofrimento e a solidão da época. “A identidade feminina fazia-se a partir da maternidade, independentemente de a mulher pertencer à casa-grande, à senzala ou à palhoça bandeirista.” (DEL PRIORE, 1993).

Apesar da intensa exploração e abusos sofridos por essas escravas, devido às influências das características tradicionais das sociedades africanas, as mulheres no Brasil Colônia conseguiram transitar nos meios públicos e privados. Seja como cozinheira e ama de leite no privado, ou como vendedora de quitutes ou escrava de ganhos no meio público.

[...] as ganhadeiras-escravas ou forras anônimas, à medida que circulavam pela cidade, faziam circular também notícias, informações, músicas, orações...recriando, no Brasil, o papel feminino de mediadora de bens simbólicos; porém, mais do que isso, articulando escravos e libertos da alienação promovida pelo sistema escravagista. (BERNARDO, 2003, p.39)

Dessa forma, mesmo com a constante perseguição e exploração, a confiança e espaço conquistado pelas mulheres as permitiu praticar a sua própria fé e assim realizar suas inúmeras funções dentro das religiões africanas, que representam um símbolo de força, acolhimento e resistência.

### 5.3 ANCESTRALIDADE

A ancestralidade feminina se faz presente dentro da história das religiões de matriz africana, principalmente na Umbanda e no Batuque. O termo “Mais velhas” é utilizado para se referir a todo respeito, gratidão e zelo para com as ancestrais, as mulheres que transmitiram e seguem transmitindo ensinamentos de geração em geração. Assim, não se refere apenas à idade cronológica, mas também àquelas que percorreram o caminho antes. Em paralelo a ideia de ancestralidade, é possível encontrar ligação com outro termo: “maternar”. O termo não se limita à questão biológica, mas sim a todo contexto histórico do cuidado com as gerações. Na sociedade Iorubá a mulher sempre representou esse papel de “mãe”, o qual é muito valorizado. Os Iorubá as reverenciam e as chamam de Ìya nlá (grandes mães) ou de Ìyààmí (Nossas mães). Também acredita-se que essas “mães” possuem poderes espirituais ou divinos.

As mães são bem importantes na cultura Iorubá porque se acredita que a continuidade da humanidade depende delas. Além de serem progenitoras dos filhos, elas também desenvolvem um papel crucial na articulação das economias locais como boas feirantes. (OLÚSÉGUN, 2011, p. 2).

Ao conectar-se com a ancestralidade, as mulheres também reforçam a importância de se unirem e lembrar do seu espaço dentro do terreiro e da sociedade. De acordo com Werneck (2000, p. 31), as mulheres encontraram nas religiões negro-brasileiras uma outra dimensão social de identidade, além daquela trazida de suas culturas.

Chama atenção o fato de que, até nos dias atuais, várias pessoas do gênero feminino, independentemente de geração e situação conjugal, desempenham, na comunidade de terreiro, tarefas relativas ao cuidado com as gerações imaturas – dar banho, colocar para dormir, brincar, passar oralmente ensinamentos (de caráter religioso ou não), ensinar a cantar e dançar, dar comida e até amamentar – ainda que não exista vínculo consanguíneo. Ou seja, nesse território, o ato de maternar é generizado, mas não biologizado. Assim, aqui, o maternar é um processo sociocultural e político de caráter eminentemente coletivo e concebido neste trabalho como maternidade extensiva. Assinale-se, ainda, que as mesmas atividades de cuidar das gerações imaturas podem ser exercidas, nesse espaço, por homens, embora em menor escala; no caso, exercendo a paternagem. (SILVA, 2010, p. 131).

Dentro da cultura tradicional Iorubá, há uma sociedade secreta feminina de caráter religioso conhecida como Gèlèdè. Em virtude dos papéis desenvolvidos pelas mulheres e seu reconhecimento, foi criada a Instituição de Gèlèdè, que tem como objetivo honrar e prestar homenagem às mães. Por meio de rituais e espetáculos que entretém o público, Gèlède busca propagar o respeito às mulheres e educar sobre o poder feminino na sociedade Africana.

De acordo com Olúségún (2011, p. 3) Gèlèdè, também chamado Efe, demonstra o reconhecimento do poder especial que as mulheres detêm que pode ser usado para fazer tanto malefícios quanto benefícios. São poderes de “axé, força espiritual de vida entre outros”, aliás, a arte de Gèlèdè é realmente para acalmar, homenagear e agradar estas poderosas - nossas mães. “Gèlède é uma forma de propagar respeito para as mulheres e ao mesmo tempo usando o espetáculo para entreter o público em geral. Também é uma forma de conscientizar, educar e mostrar o poder feminino na sociedade, tudo ao mesmo tempo.” (AKÍNURÚLI, 2011).

Acredita-se que essas mulheres podem utilizar esses poderes para ajudar os maridos, filhos e a sociedade em geral. Há o espetáculo de Gèlèdè, em que são utilizadas roupas e máscaras coloridas exibidas junto de apresentações de arte que envolvem dança, música, acrobacia, entre outros.

Máscaras e vestidos cobrindo todo o corpo são usados por homens a fim de homenagear e reconhecer o poder especial que as mulheres detêm. Normalmente, estas mulheres são chamadas carinhosamente de Iyaami “Nossas Mães”. Este festival acontece entre o mês de março e maio. (OLÚSÉGUN, 2011, p. 3).

Assim, Gèlèdè é uma arte ritualística que reforça a questão da ancestralidade e do empoderamento feminino através da espiritualidade.

#### 5.4 A COLONIZAÇÃO E O PAPEL DA MULHER NOS TERREIROS

Com a chegada dos portugueses e a colonização no Brasil houve a implantação de uma

religião oficial: o catolicismo. Com isso, os índios passaram por um processo de conversão. Isso era vantajoso para a Coroa Portuguesa, pois tornava os nativos submissos aos interesses da metrópole.

A Igreja no Brasil nasce com a estruturação de uma sociedade subordinada e dependente do sistema capitalista-mercantil em expansão, no qual a colônia devia abastecer a metrópole com metais preciosos e produtos agrícolas. Neste contexto, a catequese dos gentios e a integração da fé cristã na vida cotidiana do novo mundo faziam parte de uma estratégia de governo e peça fundamental ao exercício do poder, legitimando a colonização. (OLIVEIRA, 2008, p. 34).

No período colonial, ser católico era uma obrigação. Aqueles que fossem descobertos por cultuar outra fé, corriam altos riscos de serem perseguidos, torturados ou até mesmo mortos. A Igreja Católica proibia todas as práticas pagãs e de magia, as considerando diabólicas. Entretanto, apesar do índio ser obrigado a se converter ao catolicismo, eles ainda acreditavam nos seus próprios deuses e reverenciavam os ancestrais da tribo. Na Umbanda, hoje, é possível perceber essa influência de forma clara na incorporação dos espíritos indígenas chamados Caboclos. Também há a incorporação de espíritos dos escravos que trabalhavam nas senzalas, conhecidos como pretos velhos.

Não só entidades de espíritos que já desencarnaram, mas também entidades consideradas mais evoluídas, os orixás, são cultuadas pelos umbandistas. Os orixás são considerados seres encantados que não chegaram a encarnar na terra, e desde o período colonial é possível perceber a influência do poder de orixás femininas nas giras. Na esfera do exercício de poder, não há distinção de gênero. Os orixás escolhem quem irá ser a autoridade máxima da casa/terreiro e podem escolher tanto uma mulher quanto um homem.

A mulher hoje é maioria nos terreiros. Durante a sua trajetória histórica conquistou o seu espaço em diversas áreas e em muitas sociedades africanas é vista como deusa, além do reconhecimento e valor de ser “mãe”. Porém, no passado haviam regras que impossibilitavam a mulher de se colocar dentro de sua crença da forma como gostaria. Havia rituais em que se via apenas homens tocando o atabaque (instrumento tradicional de matriz africana utilizado durante as giras), em muitos casos pelo fato da mulher não saber tocar, porém, em outros, pela relação dominante que se estabelecia.

As mulheres sempre fizeram parte desta religião, antigamente elas não podiam reger terreiros como mães de santo, mesmo se estivessem preparadas para isso, não podia ser ogãs (filhos de santo que cantam e tocam durante os cultos), nem “trabalhar” (incorporar) se estivessem menstruadas, pois segundo os antigos assim seu corpo estaria impuro. Quando descoberta uma gravidez a gestante deveria se afastar do terreiro, pois não poderia trabalhar na corrente, e por fim, se uma mulher incorporava

uma entidade masculina, era amarrado um pano em seu corpo para bloquear suas energias femininas. (FERREIRA, 2013, p. 02).

Entretanto, mesmo que hoje não haja diferenciação de gênero na maioria dos terreiros, ainda há locais onde o machismo se faz presente em algumas situações. Uma dessas questões é a proibição de se incorporar menstruada, porque acredita-se que assim, o corpo da mulher estaria impuro. De acordo com Berezutch (2009), mãe de santo, embora pareça uma relação passada, em alguns terreiros este preconceito ainda existe, mesmo que expresso de outros modos, como o da não incorporação de Orixás e guias femininos.

Por outro lado, apesar de alguns registros de uma postura de preconceito em alguns locais, na maioria dos terreiros, hoje, se vê mães de santo, mulheres incorporando orixás masculinos e tocando e cantando durante os cultos, ou seja, sendo ogãs. Kosby e Rieth (2008) sugerem que em alguns terreiros a mulher é considerada mais “poderosa” que o homem, porque ela tem a possibilidade de incorporar qualquer entidade, enquanto é muito difícil que homens incorporem pombagiras, por exemplo.

## 5.5 O QUE É A UMBANDA?

A história da Umbanda começa no final de 1908, quando Zélio Fernandino de Moraes, um jovem de 17 anos, começou a sofrer “ataques” espirituais que o faziam parecer outra pessoa, manifestando posturas, trejeitos e frases desconexas. Acreditava-se que o menino estava tomado por alguma entidade maligna e demoníaca. Alguém da família comentou que deveria ser algo relacionado ao espiritismo e então decidiram levá-lo até a Federação Espírita de Niterói, onde o Zélio foi convidado a participar de uma sessão.

No dia seguinte, manifestou-se o Caboclo das Sete Encruzilhadas, o qual declarou que naquele momento iniciava-se um novo culto em que os espíritos de escravos africanos poderiam trabalhar em benefício de seus irmãos encarnados, seja ele ou ela quem fosse.

Após 55 anos de atividade do primeiro templo de Umbanda, Tenda Nossa Senhora da Piedade, Zélio entregou a direção das atividades para suas filhas Zélia e Zilméia, porém, continuou os trabalhos com sua esposa na Cabana de Pai Antônio, em Boca do Mato, distrito de Cachoeiras de Macacu, no Rio de Janeiro. Zélio dedicava a maior parte do seu tempo ao atendimento de portadores de enfermidades psíquicas.

Caridade, amor e boas ações ao próximo. Esses são alguns dos principais preceitos pregados pela Umbanda. Os terreiros aplicam os chamados passes, que tem o objetivo de abençoar e purificar estalando os dedos e fazendo o sinal da cruz sobre várias partes do corpo

do consulente. Também utilizam objetos como velas, crucifixos, ervas e fumo.

Algumas outras atividades também são abertas à comunidade, entre elas o descarrego, ritual empregando banho de ervas e orações para livrar uma pessoa de espíritos ou entidades sobrenaturais maléficas ou más energias. Além disso, há consultas individuais de orientação a qualquer assunto que interessar ao consulente, geralmente ocorrem quando o médium está incorporado. Se uma pessoa deseja alguma orientação sobre a sua vida amorosa, por exemplo, ela pode consultar-se com uma pomba gira, que está incorporada no corpo do médium.

A prática de assistencialismo aos mais necessitados é comum na religião. As pessoas doam ações, objetos ou dinheiro com a intenção de ajudar a quem precisa. A Umbanda não permite nenhum tipo de cobrança financeira por suas práticas, a não ser para a contribuição dos terreiros e eventos religiosos.

Praticam ainda o acolhimento, ou seja, qualquer pessoa, independente de cor, idade, gênero, orientação sexual ou classe social é bem vinda dentro das casas, seja como praticante da religião ou apenas assistente, aquele que apenas assiste aos rituais.

## 5.6 O BATUQUE

Originado no Rio Grande do Sul, o Batuque é uma religião que foi estabelecida entre a queda da indústria do charque e a chegada de escravos ao ambiente urbano da capital de Porto Alegre. No século XIX o desenvolvimento de práticas religiosas pelos escravos teve a sua ascensão.

O Batuque logo se instaurou no Sul, sendo a crença praticada nas chamadas “Casas de Batuque”. Toda a casa é organizada sob a liderança de um pai ou mãe de santo. Ao integrar a religião e à casa, o praticante é guiado por dois orixás em sua vida, um responsável pelo corpo, e outro responsável pela mente. Assim como nas demais religiões afro brasileiras, o praticante do Batuque realiza oferendas e homenagens aos orixás que os protegem, geralmente através de alimentos.

No Batuque entende-se que os orixás estão presentes tanto dentro da casa, quanto em ambientes externos na natureza, como rios, cachoeiras, mar, entre outros. A principal diferença entre o Batuque e a Umbanda é a forma como os orixás são cultuados. O Batuque tem algumas pequenas semelhanças com o Candomblé em questão dos rituais, além disso, no Batuque algumas entidades, como a pomba-gira, por exemplo, são consideradas orixás, enquanto na Umbanda são apenas entidades. No entanto, a religião mais próxima do Batuque é o “Xangô de Pernambuco”.

Dentre os principais orixás que são cultuados no Batuque estão Oba, Otim, Iemanjá, Oxum, Osanha e Orunmilá. Pelo menos uma vez por ano é realizada uma homenagem aos orixás, porém, de quatro em quatro anos acontecem festas realmente grandes. Também há o “serão”, que é um dia reservado para a preparação de alimentos que compõem a cerimônia. No sábado, é realizada uma grande reunião para que os alimentos sejam consumidos em grupo. Há a chamada “balança”, que um rito onde é determinado a incorporação dos orixás.

Há alguns pratos típicos gaúchos que foram adicionados na religião, como a polenta, o churrasco e o miéro, como oferenda aos orixás. Alguns batuqueiros homens, inclusive, utilizam a bombacha, sapato tradicional gaúcho.

## 5.7 ORIXÁS FEMININAS E A POMBA GIRA

Nanã, Iansã, Oxum e Iemanjá. Essas são as quatro principais orixás femininas, responsáveis pelo equilíbrio da terra e da vida e são comemoradas em uma festa totalmente dedicada à elas: Festa das Yabás. Também vale destacar Obá, a Guerreira Mulher, uma das mais velhas Yabás que representa resistência em uma época voltada para uma comunidade machista, em um tempo onde as mulheres serviam como escravas de luxo e que para conquistar algo eram obrigadas a mentir, utilizar-se de feitiçarias, trapaças, entre outros. Obá decidiu ir pelo caminho da persistência, mostrou que a mulher podia lutar igual aos homens e tornou-se a melhor, vencendo vários orixás masculinos.

Nanã é a Yabá mais antiga e a detentora do poder da vida e da morte. Ela é descrita muitas vezes como um orixá masculino devido a tentativa de pensar o masculino em superioridade ao feminino. Na condição de detentora da sabedoria e da justiça, intimida e causa medo nos homens que não conseguem impor suas vontades e controlar os poderes de Nanã. “Nos terreiros, quando se apresenta, provoca respeito e admiração e seus gestos são contidos, lentos e demonstram o fardo de sua existência (pois carrega a morte em seus domínios).” (ROCHA; ROCHA; OLIVEIRA, 2016).

Iansã, também conhecida como Oiá, é a guerreira, audaciosa e ferosa. Por não se encaixar dentro dos espaços domésticos e ter sua vocação voltada para a guerra, suas ações são relacionadas a funções tipicamente masculinas. Iansã foi amante de muitos orixás masculinos e por este motivo herdou poderes de todos os orixás.

Iansã conseguiu exercer a maternidade cuidando de seus nove filhos e não deixou de lutar na guerra com seu companheiro Xangô. Iansã “é a mulher que sai em busca do sustento; ela quer um homem para amá-la e não para sustentá-la. Desperta pronta para a guerra, para a

sua lida do dia-a-dia, não tem medo do batente: luta e vence.” (REIS, 2000, p. 171).

Nos terreiros, quando Iansã se manifesta em seus filhos, chega com postura altiva, imponente, majestosa e desafiadora. Sua dança é a mais veloz de todas as Yabás, típicas de seus domínios: o fogo e a tempestade. (ROCHA; ROCHA; OLIVEIRA, 2016).

Oxum é considerada a Yabá mais charmosa e é dona das águas doces e do ouro. Seus poderes estão associados à fecundidade.

Na tradição religiosa dos terreiros no Brasil, é questão de muito orgulho aos filhos e filhas de santo serem filhos e filhas de Oxum. Estes, emprestam seus corpos para que se tornem templos de manifestação do sagrado por meio do transe ou da incorporação de Oxum. (ROCHA; ROCHA; OLIVEIRA, 2016).

Já Iemanjá é a Yabá conhecida como rainha do mar. Os filhos de santo costumam recorrer a esta orixá para acalmar pensamentos complexos e dores da alma. “Este poder, tipicamente feminino, de acalantar seus filhos através do equilíbrio mental, é um dos muitos atributos de empoderamento feminino dentro do candomblé.” (OLÚSÉGUN, 2011, p. 10). Na Umbanda a prerrogativa do sagrado fica a cargo das pomba giras, ciganas e vovós.

Iemanjá é uma divindade muito popular no Brasil e em Cuba. Seu axé é assentado sobre pedras marinhas e conchas, guardadas numa porcelana azul. O sábado é o dia da semana que lhe é consagrado, juntamente com outras divindades femininas. Seus adeptos usam colares de conta de vidro transparentes e veste-se de preferência, de azul claro. [...] na dança, suas iaôs imitam o movimento das ondas, flexionando o corpo e executando curiosos movimentos com as mãos levadas alternadamente à testa e à nuca. (VERGE, 1981, p. 191).

As representações dos orixás reafirmam a liberdade sexual como caminho para a totalidade do ser. A Pomba Gira, não é uma orixá, no entanto é uma entidade que tem forte simbolismo na Umbanda e é vista por muitos com maus olhos ou falsas impressões. A Pomba Gira representa o livre arbítrio da mulher, ela demonstra o arquétipo da mulher livre que tem o seu poder pessoal reprimido no cotidiano. Essa entidade se aproxima muito da luta feminista por ensinar as mulheres a batalhar pela sua autonomia em cenários onde os privilégios masculinos predominam.

Podemos dizer, seguramente, que a Pombagira seria a representação real da mulher caso a supremacia masculina não tivesse criado uma série de mecanismos preconceituosos e hierárquicos que cerceiam a autonomia plena do ser feminino. (BERTH, 2018).

As representações de orixás e da entidade Pomba Gira apresentam características que foram condenadas por crenças cristãs, o que levou à demonização de algumas entidades. E a Pomba Gira por apresentar uma personalidade sensual e livre, diferentes das representações femininas tradicionais cristãs, acaba por despertar temor.

Assim, as narrativas e lendas que rodeiam as orixás femininas e a entidade pomba gira são importantes para reforçar a presença e a força da mulher dentro dos terreiros e nas religiões de matriz africana.

## 5.8 NARRATIVAS E DOCUMENTÁRIO

A narrativa hoje enquadra-se em uma intensa preocupação com o *lead* (o quê, quando, como, onde e por quê), de forma que os jornalistas se veem na necessidade de resumir informações e transmiti-las da maneira mais objetiva possível. No entanto, isso acaba por gerar histórias muito técnicas com o intuito de facilitar a comunicação de massa. O instantâneo e a velocidade da produção de notícias e informações é o que distancia o profissional de buscar histórias mais aprofundadas.

Para que o cotidiano se presentifique é preciso romper com as rotinas industriais da produção da notícia. É preciso superar a superficialidade das situações sociais e o predomínio dos protagonistas oficiais. Há uma demanda reprimida pela democratização das vozes que se fazem representar na mídia. Torna-se necessário mergulhar no protagonismo anônimo. Da objetividade esquemática e burocrática que vivem aqueles acontecimentos. (MEDINA, 2003, p. 93).

Tendo em vista os pontos considerados acima, o documentário a ser produzido buscará estabelecer uma narrativa que evidencie a relação sujeito e crença a partir da esfera pessoal de cada entrevistada. As emoções e diálogos vivenciados pelas personagens comporão o documentário de forma fluida, deixando de lado o estritamente técnico e, assim, priorizando uma narrativa construída pelos relatos das mulheres.

Para a entrevista ou diálogo, é necessário estar aberto ao que se pode encontrar, incluindo imprevistos ou falas surpresas vindas de determinados personagens. É essencial saber escutar, mas também ouvir os silêncios, o subjetivo que fica subentendido em reações e emoções expressas pelos personagens. Dessa forma, a entrevista exige sensibilidade e empatia, quanto mais próxima de uma conversa comum, mais a vontade o personagem irá se sentir. Para Medina (2003, p. 63) “É preciso abdicar dos padrões estáticos, por exemplo, da entrevista na comunicação e demais ciências humanas, para sair ao mundo e encontrar os protagonistas da cena viva, se reencantar e descobrir significados latentes em cada esquina, aliás, prática

existencial que alimenta os criadores.”

Escutar é estar aberto para o espanto, é estar aberto para se surpreender. É tu te despir. Eu acho que cada reportagem, cada entrevista te exige isso: é tu te despir daquilo que tu é, dos teus preconceitos, da tua visão de mundo e chegar o mais vazia para aquele momento e conseguir realmente escutar com todos os sentidos o que aquela pessoa está dizendo. [...] Quando a pessoa fala, ela fala também com o seu corpo, fala com o seu olhar, fala com os seus gestos, fala com um monte de coisas. A realidade é complexa. E quando ela pára de falar, ela não parou de dizer. Ela continua dizendo com o seu silêncio. Ela continua dizendo quando ela hesita. Ela continua dizendo quando ela gagueja. Ela continua dizendo quando ela não consegue falar. Essa escuta que é o nosso trabalho. A gente não está só escutando palavras, a gente está escutando toda a complexidade desse momento. Eu acho que isso é que faz a diferença. (MARIANO, 2011, p. 302).

Bernadet (2003, p. 286), faz uma crítica ao afirmar que a entrevista, em boa parte dos documentários brasileiros, nos remete mais ao cineasta do que ao espectador. O mesmo vale para casos onde o entrevistador acha que sua verdade é única, deixando de lado a visão e opinião do entrevistado. Assim, a partir do saber ouvir se abre espaço para que os protagonistas preencham as lacunas e silêncios a partir da contação de histórias e experiências, gerando empatia naquele que assiste. Um bom exemplo de entrevista bem-sucedida é o documentário Edifício Master do jornalista Eduardo Coutinho, ele consegue captar através de seu olhar o que há de mais verdadeiro na essência de cada entrevistado, moradores de um prédio localizado em Copacabana, Rio de Janeiro. Coutinho se desprende de seus preconceitos e apenas deixa o entrevistado ser e estar, de forma que o mesmo se sinta à vontade diante das câmeras.

Os documentários nos dão a sensação de que podemos entender como outros atores sociais experimentam situações e acontecimentos que se encaixam em categorias familiares (vida familiar, assistência médica, orientação sexual, justiça social, morte e assim por diante). Os documentários proporcionam uma orientação sobre a experiência de outros e, por extensão, sobre as práticas sociais que compartilhamos com eles. (NICHOLS, 2005, p. 108).

Grierson (apud PENAFRIA, 1999, apud BRITO, 2004) entendia que os documentários deveriam ter função social e pedagógica, auxiliando na construção da significância da realidade. Neste sentido, no dispositivo narrativo que envolve mulheres umbandistas e praticantes do batuque, podemos trazer diferentes histórias e diferentes maneiras de se pensar sobre um mesmo assunto que norteia o foco deste trabalho: o papel da mulher na Umbanda e o que esta crença representa para cada uma das protagonistas. A narrativa será guiada com imagens que demonstram a crença e história dessas mulheres. Por meio do formato audiovisual - propõe-se incentivar um espaço de diálogo que irá compor as demais vozes na narrativa.

Quando o documentário é constituído exclusivamente por uma sucessão de depoimentos, a narrativa proposta pelo documentarista a partir da seleção de falas e da montagem faz com que as várias vozes discursivas travem um diálogo no interior do documentário. Nesse ponto, um recurso linguístico bastante usado é a paráfrase, que nada mais é do que uma repetição, onde é mantido o sentido do enunciado (conteúdo) sob uma apresentação diferente (forma). Temos um sujeito A que introduz uma informação e um sujeito B que, à sua maneira, irá repetir ou se contrapor a informação que já havia sido anunciada por A. Assim, os elos estabelecidos entre as paráfrases discursivas atuam como elementos importantes da argumentação. (CARLOS, 2004, p. 8).

Sobre o documentário, este será composto a partir destas vozes, que comporão a narrativa a partir de um olhar sensível e atento ao que define a rotina e histórias destas mulheres no contexto da Umbanda e do Batuque. Segundo Brito (2004, p. 9), “Quando opta por hipervalorizar os depoimentos, as falas dos outros, o documentarista age como um articulista que fica isento de se manifestar diretamente, cumprindo aparentemente uma tarefa técnica, que na verdade revela o seu caráter autoral.” A voz do autor, apesar de não se manifestar diretamente, também é um ponto importante no material, pois é responsável pela mediação entre o grupo e o espectador.

## 6 DESCRIÇÃO DO PROCESSO E PRODUTO E ESCOLHAS ESTÉTICAS

O projeto foi dividido em três etapas: pré-produção, produção e pós-produção. A pré-produção teve duração de aproximadamente seis meses, entre março e agosto de 2019. Nesse período foram realizadas pesquisas bibliográficas, para entender de forma aprofundada a respeito do tema, assim como, para se ter referências de produções audiovisuais já existentes. Em paralelo, foi feito o primeiro contato com quatro mulheres praticantes da Umbanda e do Batuque, sendo duas da primeira, e uma da segunda, respectivamente. As mesmas me convidaram a visitar seus terreiros para conhecer as religiões e saber como funciona o "culto". Ao todo foram três terreiros.

Nessa etapa, também ficou definido que não haveria presença de *Off* no documentário. Essa escolha se baseou no sentido de enfatizar a voz e narrativa dos próprios personagens, tendo toda uma narrativa construída por meio de suas falas e histórias. A ideia foi dar foco aos entrevistados e o contexto em que estão inseridos, e não se ater a apenas a dados estatísticos ou pesquisas acadêmicas. Também se teve a perspectiva da fala em primeira pessoa, o que é representado pela presença de entrevista com quatro mulheres, transmitindo por meio de seus próprios pontos de vista e experiências, informações, fatos e relatos.

No período de pós-produção, todo o material coletado foi analisado, decupado e organizado no roteiro final. A partir daí iniciou a edição do material com a utilização do Adobe Premiere Pro CC. Como cenário do documentário foram escolhidos os dois terreiros, anteriormente citados, intercalando entre cenas de perfis das entrevistas e cenas das giras e rituais. Esses locais foram escolhidos para dar contexto e referência religiosa à temática. Ao conectar as locações com o tema, também se conectou a rotina da prática de fé de cada uma das entrevistadas.

Na casa de Batuque Ilé Ojisé e no terreiro de Umbanda Tenda de Umbanda Caboclo Guerreiro do Sol (TUCGS), foi possível ter uma participação frequente nos cultos da Umbanda e do Batuque, geralmente na sexta-feira ou sábado. Assim, aos poucos, foi possível ir conhecendo melhor cada personagem e suas respectivas histórias. No início foi desafiador, devido ao fato de dois terreiros ao qual visitei por conta própria e aviso prévio demonstrarem receio em ceder entrevistas ou aparecer nas filmagens, devido a grande intolerância religiosa para com as religiões de matriz africana. Entretanto, nos terreiros os quais fui convidada pelas entrevistadas, foram todos muito receptivos e atenciosos, se mostrando dispostos a tirar dúvidas. Também foram realizadas pré-entrevistas para que as possíveis futuras entrevistadas se sentissem mais confortáveis na etapa da produção e se sentissem um pouco mais

familiarizadas com o projeto.

Durante o período de produção, ocorreram encontros individuais com cada personagem para realizar a gravação das entrevistas, de acordo com a disponibilidade e vontade de cada uma. A gravação se passou entre os meses de junho, setembro e outubro.

Ao estudar de forma aprofundada o tema, por meio de materiais e artigos acadêmicos, me senti mais segura para buscar um diálogo com as mulheres que viriam a ser as futuras personagens do produto audiovisual. Ao visitar com certa frequência os terreiros, laços de intimidade foram sendo criados, o que permitiu uma boa abordagem para a produção do trabalho e desenvolvimento do tema. Já havia conversado com as entrevistadas antes da gravação, o que facilitou o processo de montagem do roteiro e também as fez se sentirem mais à vontade.

Durante as entrevistas, buscou-se captar não apenas as falas e frases que chamassem atenção das mulheres, mas também, captar tanto subjetivamente quanto pela lente da câmera, os gestos, trejeitos, expressões e silêncios. Buscou-se dar relevância a singularidade de cada personagem, o que se reflete e é mostrado no documentário.

A respeito da trilha sonora, deu-se prioridade às músicas que eram tocadas pelos praticantes das religiões durante os rituais, conectando o que é cantado na letra há algumas falas das personagens, por exemplo, em uma cena em que uma das entrevistadas fala da orixá Iansã, ao fundo toca a música da mesma, o que cria uma atmosfera de contexto. Tendo em vista que a música se faz presente na rotina religiosa dos praticantes e das personagens, foram utilizadas também como trilhas sonoras, cena de uma das entrevistas tocando o atabaque e cantando.

Desde a primeira etapa, algumas escolhas estéticas importantes já foram definidas. No terreiro de Umbanda, no dia de gira, foi necessário seguir uma linha de gravação em que fosse filmado apenas do pescoço para baixo, obedecendo uma regra da casa, ou seja, não foi permitida a filmagem de cenas que mostrassem o rosto dos participantes. Já na casa de Batuque, não houve nenhuma restrição quanto a isso.

Um ponto importante foi a utilização de microfones e gravadores para captar detalhadamente tanto a fala das entrevistadas, quanto o som ambiente. A utilização de gravador foi essencial para uma captação de som de qualidade, que enfatizasse as músicas tocadas durante os rituais, que são utilizadas como trilha sonora no documentário. Já a escolha do *insert* de imagens, foi de importância para dar mais sentido e contextualidade a narrativa, que contém informações históricas e religiosas.

Já a edição das imagens utilizou cortes secos na maioria das transições, pois dá mais ênfase a fala e a imagem, fazendo da transição algo menos perceptível possível. No entanto, foi

utilizado o recurso *black* para segmentar algumas temáticas diferentes dentro do documentário.

Quanto o posicionamento da câmera e a escolha de ângulos, durante as entrevistas elas seguiram um mesmo padrão, que é o da câmera parada em frente à entrevistada, e em plano semiaberto, mas também optou-se pela escolha de alguns closes, que foram utilizados em momentos em que a entrevistada falava algo importante ou de destaque para a narrativa do documentário. Nas cenas de movimento foi dado prioridade aos ângulos filmados de baixo, principalmente no terreiro de umbanda, onde só era permitido filmar do pescoço para baixo.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto buscou conhecer melhor a respeito de duas religiões de matriz africana: a Umbanda e o Batuque, com a finalidade da realização de um produto audiovisual. Não se tratava apenas de contar a história dessas religiões, mas também desmistificar preconceitos e mostrar o papel ocupado por mulheres dentro dessas religiões, com o objetivo de gerar reflexões e mostrar a importância da fé na vida dessas personagens, inseridas dentro de um contexto social.

Como resultado, foi produzido um audiovisual de aproximadamente 13 minutos, que investiu em um contato direto com mulheres praticantes de ambas as religiões e mães de santo, desde visitas aos “cultos”, até conversas e entrevistas com as personagens.

A abordagem do audiovisual foi permitir que as mulheres tivessem seus pontos de vista inseridos dentro de suas narrativas pessoais. O trabalho se fez importante dentro de um atual contexto de intolerância religiosa, preconceito e machismo.

Essa experiência foi enriquecedora em muitos aspectos. Tive a oportunidade de conhecer de perto a realidade de duas religiões, que ainda são vítimas de diversos mitos e boatos. Pude me aprimorar como profissional, mas também como ser humano. Me permiti ter um olhar mais aberto e entrar dentro de um contexto religioso do qual não faz parte do meu dia a dia, mas que me gera extrema admiração.

Como futura profissional e jornalista, considero essencial que saibamos olhar com atenção, empatia e respeito para o próximo, principalmente aquele que é diferente de nós, e entender que não é porque você não conhece algo ou alguma crença diferente da sua, que deva desrespeita-la.

## 8 REFERÊNCIAS

AKINRÚLÍ, Olúségún. Gèlèdè. O poder feminino na cultura africana-yorùbá. **Revista África e Africanidades**, 2011. Disponível em:

<[http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/12022011\\_19.pdf](http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/12022011_19.pdf)>. Acesso em: 16 de jun. 2019.

AMARAL, R. Mães-de-Santo, mães de tanto: o papel cultural das sacerdotisas dos cultos afro-brasileiros. **Os Urbanitas: Revista de Antropologia**, ano 4, v. 4, n.6, dez. 2007.

BAMPI, Mariana. As oxuns do mundo real: a tradição das mulheres na Umbanda. **No nada**, 2016. Disponível em: <<http://www.nonada.com.br/2016/07/as-oxuns-do-mundo-real-a-tradicao-das-mulheres-na-umbanda/>>. Acesso em: 16 de jun. 2019.

BATUQUE. Portal R7. 2017. Disponível em:

<<https://religiao.culturamix.com/religioes/batuque/>>. Acesso em: 26 de out. 2019.

BEREZUTCH, Mônica. Doutrina e Cultura Umbandista: Mulheres no Terreiro. **SunNet Notícias**, artigo online, 2009.

BERNARDO, T. **Negras, Mulheres, Mães** – Lembranças de Olga do Alaketu, Pallas Editora, 2003.

BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e imagem do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BERTH, Joice. O que a pombagira tem a ver com o FEMINISMO? **Medium**, 2018. Disponível em: <<https://medium.com/@joiberth/o-que-a-pombagira-tem-a-ver-com-o-feminismo-8da68d7d3d7c>>. Acesso em: 16 de jun. 2019.

D'ALMEIDA, Alfredo Dias. O processo de construção de personagens em documentários de entrevista. In: **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos 230 Interdisciplinares da Comunicação. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação–UnB. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0147-1.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2019.

DEL PRIORE, M. **A Família no Brasil Colonial**. São Paulo: Moderna, 2000.

Diagnóstico da situação da intolerância religiosa. **Criola**, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://criola.org.br/wp-content/uploads/2017/09/Diagnostico-da-situacao-da-intolerancia-religiosa.pdf>>. Acesso em: 16 de jun. 2019.

FERREIRA, Lorin. A figura feminina e seu simbolismo na umbanda. **Fap**, 2013. Disponível em: <[http://www.fap.com.br/forum\\_2013/forum/pdf/comunicacao/ciencias-humanas/A%20FIGURA%20FEMININA%20E%20SEU%20SIMBOLISMO%20NA%20UMBANDA.pdf](http://www.fap.com.br/forum_2013/forum/pdf/comunicacao/ciencias-humanas/A%20FIGURA%20FEMININA%20E%20SEU%20SIMBOLISMO%20NA%20UMBANDA.pdf)>. Acesso em: 16 de jun. 2019.

KOSBY, Marília Floôr; RIETH, Flávia. Pombagira e a extroversão do pecado feminino: articulações entre a história do corpo da mulher e a experiência

deste através das entidades Afro-brasileiras. In: **XVII CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA; X ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO**, 2008. Pelotas. Anais... Pelotas: Instituto de Ciências Humanas, 2008. 5f.

MARIANO, Agnes. **Mãe-de-santo**: Histórias do Povo Negro, 2008.

MEDINA, Cremilda. **A Arte de Tecer o Presente**: Narrativa e Cotidiano. 2. ed. São Paulo: Summus, 2003.

MILENA, Lilian. A origem da palavra batuque e os rituais de jeje. **Jornal GGN**. 2015. Disponível em: <<https://jornalgggn.com.br/historia/a-origem-da-palavra-batuque-e-os-rituais-de-jeje/>> Acesso em: 26 de out. 2019.

NOBRE, Kássia. Piccinin, Fabiana. Eliane Brum e as personagens complexas da obra *A vida que ninguém vê*. **Rizoma**, 2013. Disponível em: <[file:///C:/Users/Windows/Downloads/4019-18091-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Windows/Downloads/4019-18091-1-PB%20(1).pdf)>. Acesso em: 16 de jun. 2019.

NUER. Núcleo de estudos de identidades e relações interétnicas. Territórios do Axé. Religiões de Matriz Africana em Florianópolis e municípios vizinhos. **NUER**, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<http://nuer.ufsc.br/2017/10/18/o-livro-territorios-do-axe-religoes-de-matriz-africana-em-florianopolis-e-municipios-vizinhos-ja-esta-disponivel-em-pdf/>>. Acesso em: 16 de jun. 2019.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**: Umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PRADO, J. **Esboço dos Fundamentos da Teoria Econômica**. Brasília: Brasiliense, 1957.

REIS, Alcides Manoel dos. **Candomblé**: a panela do segredo. São Paulo: Madarim, 2000.

REIS, Joselia; FREITAS, Rita. De matriz africana: o papel das mulheres negras na construção da identidade feminina. **Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**. Rio de Janeiro, 2010.

Disponível em: <[https://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097\\_De%20Matriz%20Africana-texto%20completo.pdf](https://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097_De%20Matriz%20Africana-texto%20completo.pdf)>. Acesso em: 16 de jun. 2019.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROCHA, Alessandro; ROCHA, José; OLIVEIRA, Rosane. O protagonismo feminino nas religiões de matrizes africanas. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/view/4360/2416>>. Acesso em: 16 de jun. 2019.

SILVA, Marlise. Gênero e religião: o exercício do poder feminino na tradição étnico-religiosa ioruba no Brasil. **Revista de Psicologia da UNESP**, São Paulo, 2010. Disponível em: <<file:///C:/Users/Windows/Downloads/522-13-1603-1-10-20170921.pdf>>. Acesso em: 16 de jun. 2019.

VERGER, Pierre Fatumbi. **ORIXAS**: Deuses Iorubas na África e no Novo Mundo. Salvador: Corrupio Edições e Promoções Culturais, 1981.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A

### ROTEIRO

VÍDEO	ÁUDIO
<ul style="list-style-type: none"> <li>Imagens da gira: Close em mão tocando atabaque</li> </ul>	Fade in + Trilha Rayssa
<ul style="list-style-type: none"> <li>Imagens da gira: Participantes da umbanda reunidos em duas fileiras dançando de um lado para o outro</li> </ul> <p>Corte seco</p>	Trilha Rayssa
<ul style="list-style-type: none"> <li>Imagens da gira: Mulher dançando no centro do salão do terreiro, com uma saia grande rodada</li> </ul>	Trilha Rayssa
<ul style="list-style-type: none"> <li>Tela Black</li> <li>Texto: Guerreiras de Oxum</li> </ul>	Trilha Rayssa + Fade in
<ul style="list-style-type: none"> <li>Rayssa em primeiro plano, sentada em uma cadeira no terreiro, com atabaques atrás dela</li> <li>Insert de imagem: Imagens de Zélio Fernandinho de Moraes e cenas de passes sendo aplicados durante a gira</li> </ul> <p>Deixa inicial: “Zélio Fernandinho de Moraes...”</p> <p>Deixa Final: “Eles começaram a agir dizendo que aquele era um espírito desevoluído...”</p>	Entrevista Rayssa: “A umbanda nasceu em 1908 com Zélio Fernandinho de Moraes. Ele foi a vários médicos e tal e descobriu que ele não tinha nada, então ele foi levado ao centro espírita. Ao chegar lá, ele acabou incorporando o caboclo das sete encruzilhadas, que na visão do Kardec, da mesa branca que ele tava lá, eles começaram a agir dizendo que aquele era um espírito desevoluído que eles não podiam aceitar ele ali dentro. Foi ali que o Caboclo das Sete Encruzilhadas, que no dia seguinte, que seria depois daquele encontro, um encontro com o Zélio e as outras pessoas que teriam interesse na casa do Zélio. Ele incorporaria lá e dava fundamentação da umbanda. Então a umbanda basicamente cresceu por conta de um espírito chamado Caboclo das Sete Encruzilhadas”.
<ul style="list-style-type: none"> <li>Tela Black</li> <li>Texto: “O batuque”</li> </ul>	Trilha Rayssa + Fade in
<ul style="list-style-type: none"> <li>Imagens da festa do batuque: praticantes reunidos assistindo a mãe de santo e sua filha, Bárbara, se abraçarem</li> </ul> <p>Corte seco</p>	Trilha batuque
<ul style="list-style-type: none"> <li>Imagens da festa do batuque: homem praticante da religião reverenciando uma mulher, também praticante, e dando um abraço</li> </ul> <p>Corte seco</p>	Trilha batuque
<ul style="list-style-type: none"> <li>Imagens da festa do batuque: Mulheres e homens reverenciando a mãe de santo e líder da casa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Trilha batuque</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bárbara em primeiro plano sentada em uma sala, com imagens de santos e livros atrás</li> </ul> <p>Insert de imagens: Fotos do príncipe custódio e sua família e cena do ritual do batuque</p> <p>Deixa inicial: “que é o príncipe custódio...”</p> <p>Deixa Final: “Por causa do sincretismo de Santo Antônio ...”</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Close na mão da Dona Lurdes mexendo nas peças do jogo de búzios</li> <li>• Dona Lurdes em primeiro plano sentada em uma cadeira, com imagens de orixás, atrás dela</li> </ul> <p>Insert de imagens: Cenas de quadros na parede da casa de batuque com fotos de integrantes do batuque na família e imagens de orixás Ogum e Oxalá</p> <p>Deixa inicial: “Chegaram aqui e eles tinham de cultuar a religião...”</p> <p>Deixa final: “e aí onde que ficou muita mistura”</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Tela Black   Texto: “Orixás e entidades femininas”</li> <li>• Quadro de Obá e de Iansã</li> <li>• Bárbara em primeiro plano sentada em uma sala, com imagens de santos e livros atrás</li> </ul> <p>Insert de imagens: Orixá boa</p> <p>Deixa inicial: “Ela luta e tal...”</p> <p>Deixa final: “Contra o governo dela, contra as questões dela...”</p>	<p>Entrevista Bárbara: “Têm linhas de estudo que dizem que o batuque veio de pessoas que vieram mais do norte, e tem outros que vieram do continente Africano. O batuque tem o princípio que a gente diz, que é o príncipe custódio, que ele chegou em Rio Grande, e fundou o batuque lá, começou a tocar junto com suas irmãs e tal e levar o batuque adiante, e aí ele foi pra Pelotas, depois pra Porto Alegre, no mercado público. Dizem que lá tá fundado um bará, que é um orixá, e daí ele fundou o culto bem no mercado, então, se as pessoas forem a Porto Alegre tem ali o símbolo do bará do Mercado. Agora em junho, dia 13, tem a comemoração por causa do sincretismo de Santo Antônio”</p> <p>Som ambiente</p> <p>Entrevista Lurdes: “A minha linha do batuque veio da África, então ela tem várias regiões. Os escravos trouxeram pra cá, chegaram aqui, eles tinham de cultuar a religião. A religião era bem mais difícil aqui, do que lá. Chegaram aqui e se juntaram com os índios, certo? Então a umbanda era do índios, que é caboclo, o batuque é orixá, então, onde teve a mistura dos dois, pois os índios ensinaram os negros a cultura da linha da umbanda, e os negros ensinaram o afro pra eles, então eles tinham de fazer alguma, tinham de cultuar e os senhores de engenho não deixavam, a escravidão foi muito cruel pra nós. O que que aconteceu? Então eles olhavam pra igreja e não podiam entrar dentro da igreja, os negros, por isso que tem o misticismo “ah aquele ali é fulano, aquele ali é oxum”, mas eles cultuavam no mato de madrugada e aí onde ficou muita mistura. Na África se é conhecido 3 mil e 200 orixás, aqui vieram só 253. Então se perdeu muitos orixás pelo caminho”</p> <p>Trilha Rayssa + Fade in</p> <p>Trilha Rayssa + Fade out</p> <p>Entrevista Bárbara: “Eu gosto muito de falar da Orixá Obá, porque ela é uma orixá que conta a história sagrada dela, porque ela é uma guerreira, muito forte, ela luta, ela é uma verdadeira rainha, e em muitos momentos, ela sofre, como se fossem uns golpes de estado, contra governo dela, e como isso é gerado através de relacionamentos que ela teve, ela sofreu esse embate e ela se põe, não contra os homens, mas pra mostrar qual é o poder feminino que existe, tendo ou não tendo o papel masculino ali”</p>
---	---

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Rayssa em primeiro plano, sentada em uma cadeira no terreiro, com atabaques atrás dela</li> </ul> <p>Insert de imagens: mulher fumando cigarro</p> <p>Deixa inicial: “As pombas giras foram mulheres, na última vida...” Deixa final: “que nem uma mulher se abaixa...”</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Tela Black</li> </ul> <p>Texto: “O machismo”</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Bárbara em primeiro plano sentada em uma sala, com imagens de santos e livros atrás</li> <li>• Insert de imagens: Mulheres dançando na festa de batuque + homem abraçando Bárbara durante o ritual</li> </ul> <p>Deixa inicial: “Mas desde o seu princípio...” Deixa final: “as que cuidam e tal tem cargos específicos”</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Tela Black</li> </ul> <p>Texto: “Mulheres ogãs”</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Imagens em primeiro plano da Rayssa tocando o atabaque</li> <li>• Imagens de mulher e homem girando durante a gira</li> <li>• Rayssa em primeiro plano, sentada em uma cadeira no terreiro, com atabaques atrás dela</li> </ul> <p>* Insert de imagens: mulheres e homens ogãs</p> <p>Deixa inicial: “É ele que segura a energia...” Deixa final: “No candomblé existe um preceito...”</p>	<p>Entrevista Rayssa: “Além dos orixás, a gente tem as entidades também, que são os seres que passaram pela terra, e na linha da esquerda nós temos as pombas giras. As pomba giras foram mulheres, na última vida terrena delas, nem sempre foram mulheres da vida, as vezes elas trabalhavam em outro tipo de trabalho, mas elas trazem muito a parte do empoderamento feminino no sentido de que nenhuma mulher se abaixa, nem pra homem, nem pra mulher, na verdade”.</p> <p>Trilha Rayssa + Fade in</p> <p>Entrevista Bárbara: “Existe uma questão do machismo e do patriarcado, porque no Brasil tem casas de batuque, de umbanda, de candomblé, que são totalmente a mando masculino mas desde o seu princípio aqui no Brasil, as casas, a grande maioria, são coordenadas por mulheres né, e até em África, as que cuidam, ter cargos específicos né”</p> <p>Trilha Rayssa + Fade in</p> <p>Trilha Rayssa</p> <p>Trilha Rayssa</p> <p>Entrevista Rayssa: “Um ogã é aquele que conduz a gira no tambor, ele que puxa as músicas que a gente puxa de pontos, ele que segura a energia, ele que comanda a gira abaixo do pai de santo, na verdade. No candomblé existe um preceito que as mulheres não podem nem tocar pra limpar o tambor, nem encostar, digamos assim. Mas na umbanda é um caso totalmente diferente, as mulheres tem esse papel onde elas podem ser até o comando de um gira. Por exemplo, aqui no nosso terreiro a gente tem três ogãs e a maioria são mulheres”</p>
---	---

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bárbara em primeiro plano sentada em uma sala, com imagens de santos e livros atrás</li> </ul> <p>Insert de imagem de tambor e homens tocando atabaque</p> <p>Deixa inicial: “De representação totalmente masculina”</p> <p>Deixa final: “ele falava que aquilo era muito agressivo”</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Imagens do batuque: Bárbara abraçando sua mãe, dona Lurdes</li> <li>• Imagens do batuque: Bárbara tocando sino em frente ao altar</li> <li>• Imagens em primeiro plano da Dona Lurdes *Insert de imagens do batuque: Mulheres agachadas batendo palmas</li> </ul> <p>Deixa inicial: “Porque a mulher quando tá menstruada ela fica fértil...”</p> <p>Deixa final: “mas ela vai tá fértil pra tudo”</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Duda sentada em uma cadeira com imagens do altar e de santos atrás dela</li> </ul> <p>Insert de imagens: homem e mulher incorporados</p> <p>Deixa inicial: “de incorporar orixás masculinos...”</p> <p>Deixa final: “a questão do trabalhar menstruada, não tem”</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Tela Black Texto: “O preconceito”</li> <li>• Imagens da gira: Imagens de santos católicos no altar do terreiro</li> </ul>	<p>Entrevista Bárbara: “Meu pai sempre falou que mulher não tocava, não podia tocar por causa da questão do tambor ser um instrumento masculino mesmo. Como eu sou muito teimosa, eu comecei a tocar sozinha mesmo, porque eu me lembrava do que ele tocava e eu tive que aprender sozinha sabe, não pude ter o apoio dele. Aí teve um dia que eu cheguei e falei “eu vou tocar” e aí teve um dia que ele viu que não tinha mais como, ele pegou e deu um beijo na minha testa e falou “filho de peixe, peixinho é, então senta aí e toca”</p> <p>Som ambiente</p> <p>Som ambiente</p> <p>Entrevista Dona Lurdes: “No batuque mulher menstruada não participa, nem a comida de orixá ela pode tocar, não pode nada, dentro da religião. Na umbanda ela pode, desde que não toque no ori, ori é cabeça. Porque a mulher quando tá menstruada ela fica fértil, não que ela vá procriar, mas ela vai tá fértil pra tudo. A mulher quando fica menstruada tem uma sensibilidade maior”.</p> <p>Entrevista Duda: “Aqui no nosso terreiro a gente tem bastante liberdade, não tem restrição, assim, de questão de incorporar orixás masculinos, a gente não tem nada de restrição. A questão do trabalhar menstruada, não tem, só se a gente não se sentir bem, mas fora isso a gente tem total liberdade”</p> <p>Trilha Rayssa + Fade in</p> <p>Trilha Rayssa</p>
--	--

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Duda sentada em uma cadeira com imagens do altar e de santos atrás dela</li> </ul> <p>Insert de imagens: Homens e mulheres separados em filas dançando</p> <p>Deixa inicial: “mas eles não acreditam na umbanda...”</p> <p>Deixa final: “Chega em dia de gira né, vira a cara...”</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dona Lurdes em primeiro plano sentada em uma cadeira, com imagens de orixás, atrás dela</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Insert de imagens: pessoas incorporadas na gira</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Rayssa em primeiro plano, sentada em uma cadeira no terreiro, com atabaques atrás dela</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Duda sentada em uma cadeira com imagens do altar e de santos atrás dela</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Tela Black</li> </ul> <p>GC: “Não deixe que ninguém lhe diga que a sua religião é "errada" ou que ela não importa. O seu coração sabe que nada disso é verdade, e é isso o que importa. Os Orixás estão olhando por você e, junto aos seus ancestrais, estão te protegendo!”</p> <p>Ile Alaketu Ijoba Ase Aira</p>	<p>Entrevista Duda: “A questão do preconceito, tem bastante assim, mais na minha família. Eles até são espíritas, mas eles não acreditam na umbanda, não respeitam muito, então, o mais complicado é isso. A gente chega em dia de gira né, vira a cara, não gosta muito. Eu também tenho contato com bastante gente, no trabalho, que é evangélica, então, chega dia de preceita eu tenho que ir com a cabeça tapada, e daí, é aquilo né, eles olham torto, ficam meio assim, porque a macumbeira chegou, mas fazer o que”</p> <p>Entrevista Dona Lurdes: “As pessoas acham que nós não somos seres humanos, mas bichos. Isso tá errado, porque na realidade, nós estamos aqui pra ajudar, e não pra atrapalhar. Quantas pessoas vem na minha porta pedir alguma coisa, se eu puder dar, eu dou. Uma outra religião acho que faz a mesma coisa, porque o ser humano quer que nossa religião seja isso ou aquilo. Nossa religião não é como eles dizem, de um lado negativo, ela é positiva”</p> <p>Trilha Rayssa</p> <p>Entrevista Rayssa: “A umbanda faz parte da minha vida, a umbanda é tudo, até o ar que eu respiro sabe”</p> <p>Entrevista Duda: “A umbanda pra mim pra resumir é tudo. É a fé, a caridade, a humildade, o amor, principalmente o amor”.</p> <p>Fade in – Rayssa cantando</p>
---	--

Tela black Um documentário de Larissa Speck	Trilha Rayssa
Créditos	Trilha Rayssa
Participação Rayssa Chequetto Vieira Eduarda Heil Bárbara Marques Mãe Lurdes de Oyá	
Captação de imagens Jonas Mendonça de Oliveira Larissa Santos Speck	Trilha Rayssa
Edição de Imagem Jonas Mendonça de Oliveira	Trilha Rayssa
Curso de Jornalismo – Unisul 2019	Trilha Rayssa